

ORALIDADE E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ketlen Silva de Souza ¹

Jonise Nunes Santos ²

E-mail: ketlensouza19975@gmail.com

GT 1: Educação, Estado e Sociedade na Amazônia

Financiamento: Sem financiamento

Resumo: Este trabalho trata sobre oralidade na Educação de Jovens e Adultos – EJA, especificamente, a partir da revisão bibliográfica, justificado pelo fato de a oralidade constituir-se elemento significativo no processo ensino-aprendizagem e, na EJA, contribui para identificar conhecimento de vida e estimular o uso da voz nos contextos educativos e sociais. Para tanto, buscamos conhecer a relevância da oralidade no contexto social; identificar as orientações legais sobre o desenvolvimento da oralidade no contexto da EJA; elencar possíveis práticas pedagógicas envolvendo oralidade, levando em consideração os conhecimentos de vida. Realizou-se, então, pesquisa básica, de abordagem quali-quantitativa e de caráter exploratório, a partir de levantamento bibliográfico das produções acadêmicas no período compreendido de 2013 a 2022, visando apresentar, ainda, uma visão sobre a oralidade no contexto EJA. Identificou-se, na análise de dados, que o tema oralidade, enquanto prática pedagógica, ainda é pouco abordado na EJA, portanto é possível inferir que ainda é necessário explorar a prática de atividades orais nas atividades pedagógicas, visando valorizar a experiência de vida dos estudantes. A análise revelou ainda limitação de documentos direcionados à EJA, assim como de registros de práticas que envolvem as experiências com foco na oralidade.

Palavras-chave: Oralidade; Educação de Jovens e Adultos; Comunicação; Fala; Ensino-aprendizado.

INTRODUÇÃO

A oralidade contribui na difusão do conhecimento, possibilita a construção da comunicação, define o local de fala perante a sociedade em geral. Permite, ainda, que os pensamentos, sentimentos e necessidades sejam conhecidos. Porém, a oralidade, conforme foi possível observar nos Estágios do Curso de Pedagogia, é pouco utilizada, no contexto escolar, predominando a escrita e o silêncio, mesmo a oralidade sendo presente e detentora de poder de impacto para transformar diferentes possibilidades de atividades e mediar tanto pessoas quanto relações, sendo, ainda, crucial para construção de conhecimentos, reafirmando, papel primordial tanto na escola quanto em outros contextos no qual o indivíduo está inserido.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia

² Orientadora do Trabalho Final de Curso. Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Linguísticos, da Universidade Federal do Pará.

Consequentemente, percebi a necessidade de ampliar o conhecimento sobre oralidade, para refletir sobre como é abordada na sociedade e estimulada na prática docente. Especificamente, o interesse voltou-se ao contexto da Educação de Jovens e Adultos – EJA, na qual observou-se poucas atividades que incentivem e ampliem o uso de práticas orais, assim como ocorre na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

O recorte da temática foi motivado, ainda, por observar a necessidade de atenção especial ao cotidiano dos jovens e adultos, que é pouco considerado nas escolas, que deveriam desenvolver espaços para discussões de maneira natural, porém o que ocorre é falas, experiências e desejos silenciados pelas atividades descontextualizadas ou mesmo por insegurança, medo de falar e ser recriminado.

Dessa forma, a ampliação da discussão sobre o uso da oralidade na EJA configurou-se como tema de pesquisa durante o curso de Pedagogia, nas disciplinas que compõem o corredor de Pesquisa e finaliza no Trabalho Final de Curso. Ressalto, ainda, que fui motivada pelo fato de o público-alvo da EJA acumular experiências e histórias, mas registrarem significativos índices de evasão e abandono escolar, inferindo contradição metodológica entre as práticas pedagógicas e o perfil dos alunos. Por fim, fui motivada por questões familiares, visto que meu pai foi aluno da EJA, e observei toda a necessidade e a vontade de voltar a estudar, porém, surgem inúmeras indagações acerca dessa modalidade tão pouco prestigiada.

A oralidade é, geralmente, associada à fala, porém, não são sinônimas. Segundo Marcuschi (2010, p.25), oralidade é "prática social interativa com o propósito de comunicação, que se apresenta em diversas formas de gêneros textuais com base na realidade do som". A fala "é uma forma de produção do discurso textual que se comunica oralmente".

A oralidade é uma capacidade expressiva e tem o objetivo de gerar interação entre homens e a sociedade, gerando uma "concepção de linguagem como atividade interativa e inerentemente social" (SILVEIRA, 2003, p. 9), logo, cumpre o seu papel comunicativo na evolução das relações humanas. Conforme Marcuschi (2010, p. 25) "a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos", apresentados "sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora", incluindo tanto padrões informais quanto formais, em variados contextos de uso.

Segundo Ribeiro (2009), as práticas de uso da linguagem social emergem de experiências significativas no processo de comunicação e são importantes para sua capacidade de compreender suas próprias relações interpessoais com o meio social, quando as pessoas se formam com subjetividade e autonomia, por ser o ambiente adequado e a fala das pessoas pode ser ouvida e compreendida.

Entretanto, na EJA, muitos estudantes não se sentem pertencentes à sociedade, por não terem frequentado a escola na idade certa, gerando a falsa impressão de deslocamento social em variadas circunstâncias, acarretando dificuldades, pelo medo ou receio, de se impor e aceitando o que os “letrados” oferecem, deixando sua ideia e opinião isolada por aflição de não saber se colocar nas situações e silenciando-se.

O ato de voltar à escola é um passo muito grandioso para os estudantes de EJA, e o uso da oralidade nesse contexto é uma das principais ferramentas para conhecer histórias e conhecimentos de vida e garantir essa participação do indivíduo. Assim, definiu-se como objetivo geral investigar a oralidade no contexto EJA através de revisão bibliográfica. Assim, o resultado desse processo de pesquisa de trabalho final de curso de Pedagogia apresenta-se no decorrer desse texto.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada por uma revisão bibliográfica que, segundo Ferreira (2002), Romanowski e ENS (2006), tem como objetivo fazer um levantamento, mapeamento e análise do que produz considerando as áreas do conhecimento, períodos cronológicos, espaços, formas e condições de produção. Para tanto, elencamos as bases de dados Google Acadêmico e CAPES, a fim de identificar trabalhos acadêmicos em concordância ao tema proposto.

A partir dos termos “Oralidade”, “Educação de Jovens e Adultos”, selecionamos 01 texto, por ano, nos últimos 10 anos (2013-2022), que apontou o modo como as teorias entendem a temática, com intuito de conhecer a área de estudo, realizando a pesquisa bibliográfica, abrangendo publicações relacionadas com o tema de estudo, tendo por finalidade “dar aos pesquisadores acesso direto a tudo o que é escrito, dito ou fotografado sobre determinado tema” (LAKATOS E MARCONI, 2001, p.183).

Nas bases de dados do Periódicos da CAPES e no Google Acadêmico, realizamos a busca, tendo como palavras-chaves “oralidade” e “educação de jovens e adultos” e “EJA”. As publicações foram pré-selecionadas pelos títulos os quais deveriam constar como o primeiro critério o termo completo ou referências ao tema. Posteriormente, foi criada tabela, contendo referências bibliográficas e resumos, dos quais foram desconsideradas às pesquisas repetidas e que fugiam do tema de pesquisa. Sendo assim, obteve dados necessários para a elaboração deste estudo, como forma de explorar o que se pesquisou sobre o tema abordado.

DISCUSSÃO

Segundo, Souza (2018) a escola continua a ser a principal instituição responsável por dar voz aos mais “excluídos”, pois é através da prática educativa que todos conseguem conquistas pessoais. A escola deve então preparar os alunos para usar esta "voz" de efetivamente, para que ele não tenha medo de usar palavras quando necessário. Diante dessa realidade, histórias verdadeiras raramente são ouvidas e, de fato, raramente contadas, razão pela qual as apresentações orais devem motivar e serem valorizadas no contexto escolar e na EJA, além do conhecimento de vida das pessoas que deve ser considerado.

No trabalho de Busatto (2012), resultado do levantamento dos dados, destaca-se a relevância do reconto para o trabalho oral, pois o indivíduo será estimulado a criar sua própria linguagem, desenvolver seu pensamento crítico e dar sua própria perspectiva sobre a história apresentada. Outra prática é o gênero debate, que desempenha um papel importante na escola, onde se deve estabelecer como um dos objetivos prioritários o desenvolvimento da capacidade dos alunos de defender oralmente uma escolha, um procedimento ou descoberta.

A tese de Maysa Arruda (2018) afirma que o gênero debate desenvolve habilidades como respeitar as palavras dos outros, saber ouvir e esperar ser falado e seguir regras pré-estabelecidas, ampliando as possibilidades de trabalho e passando a ser visto como objeto pedagógico, habilidades fundamentais, tanto do ponto de vista linguístico, cognitivo e social quanto do ponto de vista individual. Além de ampliar a capacidade argumentativa a partir de experiências com práticas discursivas construídas socioculturalmente. Enfatiza a importância do desenvolvimento de ações instrucionais que monitoram a aquisição de conhecimento dos alunos sobre o discurso argumentativo e suas operações de linguagem relacionadas.

A leitura também tem seu papel atuante, pois está diretamente relacionada ao debate, uma vez que o aluno precisa ler sobre o tema a ser discutido e assim ter diferentes percepções, mas não se limitando aos conteúdos dos textos. Debater um tema ou contar uma história permite que os alunos partilhem a sua compreensão do que foi ouvido, além de respeitar a opinião e colocação do outro, mas também expressar o seu ponto de vista, desenvolvendo assim o pensamento crítico.

Conforme destaca o Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998), a oralidade ocupa pouco espaço em sala de aula, embora seja um dos eixos básicos em torno dos quais devem se organizar os conteúdos de Língua Portuguesa. Além disso, a Base Nacional Curricular Comum - BNCC (BRASIL, 2018) recomenda que o ensino com a oralidade seja iniciado logo nos anos iniciais e que vá complexando de acordo com as séries seguintes. Dessa forma, na EJA não deve ser diferente, pois o principal aprendizado é a

vivência e isso não pode ser ocultado, ou seja, as práticas pedagógicas devem indagar sobre a realidade dos indivíduos, e a partir disso, elaborar estratégias que buscam refletir a importância da oralidade nas experiências dos estudantes.

A escola é o principal meio de destacar a oralidade em sua plenitude, como os documentos ressaltam a necessidade de se promoverem práticas sociais que permitam ao aluno o exercício da cidadania. Assim, passa a ser papel da escola, de acordo com Ribeiro (2009), ensinar a argumentar em situações formais e informais. Por sua vez, os documentos oficiais trazem a importância de atividades comunicativas no ensino regular, todavia não são necessariamente direcionados ao EJA, gerando a problemática da necessidade de se obter extensões que abranja todas as singularidades, sendo um desafio da contemporaneidade que está posto às escolas é de compreender que a sala de EJA é formada pelas diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas relacionados à oralidade ainda é aquela ideia de certo ou errado, de corrigir, de medo, baixa autoestima e o uso formal e informal da linguagem falada. Para além disso, ressaltamos que nem todos os professores se interessam em fazer esse tipo de atividade, por isso utilizam dos métodos de ensino convencionais e ultrapassados que não promovem experiências de uma voz ativa.

A oralidade está presente em todos os contextos, sejam eles sociais, culturais, formais, informais. Porém, no contexto escolar, o uso da oralidade no processo ensino-aprendizagem ainda é tímido, mesmo predominando socialmente em relação à escrita, que continua sendo o centro das atividades, principalmente, na Educação Básica, inclusive, se fazendo fortemente presente na Educação Infantil.

A escola dá ênfase à prática escrita em sala de aula, porém precisa considerar todos os aspectos que compõem a linguagem humana, a abordagem sistemática, principalmente a educação de jovens e adultos, é uma forma de proporcionar oportunidades de recuperação dos estudos, pois muitos deixam a escola por anos devido às condições de estudo e trabalho, e depois retornam à escola para progredir.

Contemplar atividades orais e escritas faz com que as competências linguísticas do aluno se ampliem. Sabendo adequar a fala ao contexto situacional, o aluno estará contemplando seu pleno desenvolvimento no que diz a prática oral.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC; SEF, 1998.

BRASIL. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: 2o segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série: introdução**. Brasília, MEC; SEF, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

RIBEIRO, Roziane M. **A construção da argumentação oral no contexto de ensino**. São Paulo: Cortez, 2009.

ROMANOWSKI, Joana Paulin e ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação**. Rev. Diálogo Educ. Curitiba, vol. 06, n.19, set/dez. 2006.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Análise de Gênero Textual: concepção sócio-retórica**. Maceió: EDUFAL, 2005.